

ARTIGO

IMIGRAÇÃO DE JOVENS MULHERES BRASILEIRAS NA  
GUIANA FRANCESA: ENTRE CATEGORIZAÇÕES ETNO-  
NACIONAIS E ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO NOS “ESPAÇOS  
DE INTEGRABILIDADE” DA SOCIEDADE DE RECEPÇÃO<sup>1</sup>

Resumo

A presente pesquisa investiga a trajetória de oito brasileiras instaladas na Guiana Francesa, em situação de miscigenação conjugal - cônjuges de nacionalidade estrangeira - e inseridas no mercado de trabalho, com o propósito de identificar a maneira como elas se percebem no meio profissional e social, mas também a maneira como estas brasileiras são percebidas pelos nativos. Nesta pesquisa, o conceito de « representação » está interligado a uma série de outros conceitos tais que sentimento de pertencer, identidade e estratégias empregadas pelas residentes brasileiras para se inserirem socialmente na sociedade guianense. Como método de estudo escolhemos as abordagens autobiográficas, mais precisamente relatos de experiência porque permitem um certo distanciamento de nossas interlocutoras em relação às experiências vividas e as ajudam a capitalizar e a conceituar as estratégias de inserção social por elas utilizadas.

Palavras-chave:

estratégia; inserção; representação; categorização; identidade.

Abstract

*The present research investigates the trajectory of eight Brazilians installed in French Guiana, in miscegenation marital status - spouses of foreign nationality - and inserted in the labor market; this with the purpose of identifying how they perceive themselves in the professional and social environment, but also the way how these Brazilians are perceived by Brazilian natives. On this research, the concept of “representation” is connected to a series of other concepts such as the feeling of belonging, identity and strategies used by the Brazilian residents to be inserted socially into the Guyanese society. As a study method, we chose the autobiographical approaches, more precisely experience reports because they allow a certain distancing of our interlocutors in relation to the experiences they have gone through and they help them to capitalize and to conceptualize the strategies of social inclusion used by them.*

Keywords:

*strategy; insertion; representation; categorization; identity.*

---

1 O presente artigo é um recorte do relatório de pesquisa pós-doutoral, intitulado: *Representações, estratégias e recomposições identitárias de mulheres brasileiras residindo na Guiana Francesa através de seus relatos de inserção socioprofissional*, realizado em 2013 e financiado pela Universidade de Friburgo (Suíça), sob orientação da Professora Aline Gohard-Radenkovic. Ele foi escrito em língua francesa e traduzido para o português por Joice Armani Galli, docente efetiva da UFPE.

## Introdução

Nosso estudo propõe uma leitura socio-antropológica das estratégias de recomposições identitárias próprias aos brasileiros, que residem na Guiana Francesa em situação de inserção social e profissional. Fazendo vir à tona um espaço de jogo de pertencimentos e interações sociais, a análise dos relatos permitirá uma leitura mais clara dos arranjos identitários e sociais de nossas interlocutoras no país de imigração. Parece-nos que um objeto de pesquisa toma frequentemente sua fonte nas experiências pessoais ou profissionais. É nossa experiência pessoal, dentre outras, que nos levou a desejar observar de maneira mais próxima a complexidade desta experiência migratória em nível social, cultural, mas também econômico no seio da sociedade dita de recepção. Somos, nós mesmas, residentes de um país estrangeiro, tendo deixado nosso país natal na idade adulta. A decisão de empreender este trabalho não se configura absolutamente como fruto do acaso. Quantas vezes tivemos de contar as etapas de nosso itinerário, de nossas próprias experiências antes e depois de ter deixado nosso país de origem. Esses longos anos vivendo no estrangeiro sensibilizaram-nos muito cedo às dificuldades ligadas ao fato de morar em um meio social diverso do seu, carregado de evidências não partilhadas, de novos olhares e comportamentos. Estávamos assim bem dispostas a penetrar nesse universo que nos entregaram, através de seus relatos, as jovens mulheres brasileiras tornadas residentes na Guiana Francesa, sem as limitações associadas a um pesquisador externo ao meio.

A presente pesquisa buscará conhecer o percurso de oito residentes brasileiras, estudantes ou ex-estudantes, inscritas na UAG (Universidade das Antilhas e da Guiana), Polo Guiana ou em formação continuada, morando há vários anos na Guiana Francesa, em situação de mixidade conjugal<sup>2</sup> e inseridas no mercado de trabalho; a fim de cernir a maneira pela qual elas se percebiam em seu meio profissional, em sua vida social, mas também a fim de entender como são percebidas pelos membros de seu país de residência. Esta pesquisa situa-se, portanto, ao nível das “representações” que são feitas pelas imigrantes brasileiras quanto a sua própria

---

2 Segundo Gabrielle Varro, em seu artigo : « Regards contradictoires sur la mixité, Migrations et cultures de l'entre-deux », in L. MULLER & S. de TAPIA (Eds.), 2010 : *Regards contradictoires sur la mixité*, Paris: L'Harmattan (coll. Compétences interculturelles). Jornada de estudo, Strasbourg: Univ. Marc Bloch, UMR Cultures et Sociétés en Europe, pp. 211-226. O substantivo “mixidade” é mais precisamente empregado para tratar do encontro de cônjuges provenientes de países diferentes, cuja reivindicação reside no pertencimento estático distinto de cada um; a nova unidade que formam assume assim o adjetivo “mixto”. Seus filhos, igualmente designados como “mixtos”, crescem na “nova zona cultural” sugerida por Uriel Weinreich em seu livro *Languages in Contact* (1953). Essa expressão “nova zona cultural” permite-nos falar da posição de entre dois como positiva e criadora e não como fonte de marginalização, de exclusão ou como sendo fatalmente oposta à norma unilíngue e unicultural dominante.

experiência de mobilidade e de inserção. A emergência de temas recorrentes, que surgirão nesses diferentes relatos, ajudará a formular hipóteses sobre as “estratégias” postas em prática por tais informantes para concorrerem ou mais modestamente ajustarem-se aos novos espaços de integrabilidade.

### *A imigração em direção à Guiana*

No que diz respeito mais precisamente à imigração brasileira voltada para a Guiana, seu início data dos anos 60 com a construção em Kourou do Centro Espacial guianês<sup>3</sup>. Por essa época, inúmeros operários brasileiros, cuja maioria era composta de homens sozinhos, foram recrutados para a construção civil de maneira legal, beneficiando-se de contratos de trabalho. Por conseguinte, alguns permaneceram na cidade, outros foram pouco a pouco sendo seduzidos para esta ‘ilha de prosperidade’ que representa a Guiana no coração do platô amazônico. Ao longo do tempo, o desenvolvimento econômico que circundou a construção da base espacial de Kourou atraiu uma mão de obra de imigrantes, mais frequentemente clandestina, que se tornou lentamente um dos elementos essenciais da vida econômica e da produção guianesa.

Os imigrados brasileiros de Guiana inscrevem-se em um processo de relativa integração cujo testemunho pode ser visivelmente percebido nos casamentos mistos, as regularizações administrativas mais numerosas e os exemplos reconhecidos como sucesso individual. Segundo o etnólogo M. O. Géraud, “os imigrados de origem brasileira nunca formaram, aliás, uma comunidade tão homogênea ao ponto de não deixar ouvir o ponto de vista guianês” (2001, p. 5). Já em 1988, percebia-se a existência de uma pequena burguesia comerciante brasileira instalada no centro da capital Caiena. Consideramos pertinente informar que existem clivagens explícitas entre imigrados do Norte, integrados às margens da sociedade guianesa, mas conhecendo uma verdadeira melhora em suas condições de vida, e aqueles do Sul do Brasil, que mantêm um discurso crítico sobre a Guiana, recriminando a falta de urbanização e subdesenvolvimento em relação às grandes cidades brasileiras, donde são oriundos. Percebe-se que tais imigrados são os que retornam mais frequentemente para o Brasil após alguns anos vividos na Guiana (CHÉRUBIN, 2001, p. 203).

Ainda que a população do departamento seja caracterizada pela presença de

---

3 Nota da Tradução: ainda que ambos os nomes sejam legítimos – guianês e guianense – optamos por usar o primeiro nas referências ao francês nascido neste DOM – Département d’Outre-Mer (Departamento Ultramarino).

grupos de origem étnica diversificada, os brasileiros ocupam um lugar importante no imaginário social guianês<sup>4</sup> (GÉRAUD, 2001, p. 5). Os brasileiros gozam de uma reputação positiva quanto ao senso de organização, por serem ativos na defesa de seus direitos e no reconhecimento de suas competências.

Independentemente das representações que fazem os guianeses sobre os brasileiros, as trocas entre esses dois povos intensificam-se, seja em nível linguístico, econômico e cultural. O Brasil, por sua importância na América do Sul e no mundo, por sua proximidade e interesse que lhe atribuem, tornou-se um parceiro inevitável para sua vizinha francesa.

Por isso, o ensino do português não para de aumentar nos estabelecimentos escolares, obviamente pelo crescimento da população, mas também pelo interesse crescente em relação ao Brasil, em que se constata uma economia em potencial<sup>5</sup>. Para M. de Lima (2008, p. 17):

Il est important de donner à l'enseignement du portugais les moyens nécessaires à son développement. L'apprentissage de la langue du voisin, qui devient chaque jour davantage un partenaire, est une exigence pour la collaboration incluant le développement des relations politiques, économiques et culturelles. Une politique de langue qui s'appuie sur une augmentation quantitative et qualitative de l'implantation du portugais dans l'enseignement s'avère donc indispensable<sup>6</sup>.

A comunidade brasileira representa uma parte considerável da imigração e o português é uma das línguas estrangeiras<sup>7</sup> mais praticadas na Guiana. Não é difícil

---

4 Outras comunidades serão integradas no imaginário guianês sob um modelo dicotômico indígena/estrangeiro, autóctone/africano: a figura do americano pode ser criticada e ao mesmo tempo oposta a do Negro marrom na base de um esquema similar. Acerca dessas questões, ver entre outros Jolivet, 1987, 1990, Géraud, 1997.

5 As informações citadas nesta parte do presente artigo são oriundas do Rectorat de Guiana/Prefeitura da Guiana, 2008. Em um texto sobre o ensino do português, o inspetor pedagógico regional M. Manoel de Lima, encarregado da política acadêmica das línguas, apresenta o estado de arte do ensino do português na Guiana, na escola fundamental e de ensino médio, além do IUFM (Instituto Universitário de Formação de Professores) e da Universidade.

6 É importante conceder ao ensino de português os meios necessários para seu desenvolvimento. O ensino da língua do vizinho, que tem se tornado a cada dia um parceiro, é uma exigência para a colaboração, incluindo o desenvolvimento das relações políticas, econômicas e culturais. Uma política de língua que se apoie sob um aumento quantitativo e qualitativo da implantação do português no ensino apresenta-se, portanto, indispensável.

7 Sub-povoada, mas a partir de então submetida às pressões exercidas por suas duas fronteiras fluviais, a Guiana atrai estrangeiros. Os hatianos, por escaparem da extrema miséria de uma terra explorada, constituem a mais importante colônia estrangeira. Um quarto dos nascimentos deste departamento francês deve lhe ser creditado. Exclusivamente os falantes do 'créole', em sua chegada, introduziram o crioulo guianês um vocabulário especializado associado ao culto do *vaudu/vudu*. A partir de 1982, quando a guerra civil assolou seu país, os surinameses atravessaram a fronteira ocidental, descobrindo com fascinação uma insuportável ilha de riqueza. Concentrados em empregos subalternos, falam o *sranan tongo*, créole com

ver crianças e adultos, não luso-brasileiros, falar o português que aprenderam em contato com brasileiros imigrados na Guiana.

### *Mobilidade e estrangeirismo*

Os deslocamentos dos indivíduos, em grupos ou individualmente, e seu esforço de adaptação a um novo meio não é um fenômeno recente: os nômades deslocavam-se ao longo dos tempos em caravanas em busca de novas pastagens, em busca de terrenos fecundos. Atualmente, as formas de mobilidade diversificam-se, encontrando motivações diversas: necessidades profissionais, reagrupamento familiar, jornadas de estudos, expatriação..., manifestando-se sob diversos níveis: mobilidade quotidiana, viagens, mobilidade residencial e migração profissional. Para o sociólogo J-C. Kaufmann (2004: 35) «Considérer la mobilité spatiale comme un phénomène susceptible de se manifester de différentes manières alternatives comme [il] propose de le faire permet d'éviter de focaliser l'attention du chercheur sur les formes de mobilité elles-mêmes, mais sur les rythmes qu'elles constituent par leur combinaison»<sup>8</sup>.

Dessa forma, a migração constitui um subcomponente da mobilidade espacial. Distingue-se dessa por sua relação com o espaço temporal e pela ausência de retorno do indivíduo a curto termo. A migração (internacional) corresponde, com efeito, a um deslocamento de pessoas ou de populações que empreendem uma mudança durável ou definitiva do lugar de residência habitual. O que distingue os fenômenos de mobilidade e de migração reside também em uma diferença de temporalidade, mais curta e temporária no caso da mobilidade. Assim, a mobilidade estaria menos conotada negativamente ou seria menos carregada de representações diversas das que são frequentemente associadas à migração.

Inclusive, a mobilidade representa uma espécie de aprendizagem à parte e

---

base inglesa impregnando de dinamarquês. Imprimindo igualmente um potente dinamismo, sua língua (dialeto) tornou-se indispensável para toda conversação interétnica no baixo rio Maroni. Os hmongs, originários das montanhas do Laos instalaram-se, na sua maior parte, nos vilarejos de Javouhey e de Cacao. Existe na Guiana mais de uma dezena de outras comunidades culturais, francesas ou não, falantes de sua língua ou não, de importância demográfica variável. Citemos a comunidade libanesa, a comunidade chinesa, os dominicanos e os santo-lucianos, os guianás e ainda diversas minorias hispano-falantes da América do Sul (cf. Revista *Langues et Cité*, Bulletin de l'observatoire des pratiques linguistiques, Délégation générale à la langue française et aux langues de France, Ministère de la culture et de la communication : « Les langues en Guiana », n°3, avril, 2004).

<sup>8</sup> Considerar a mobilidade espacial como um fenômeno suscetível a se manifestar de diferentes maneiras alternativas como [ele] propõe fazê-lo, permite que se evite focalizar a atenção do pesquisador sobre as próprias formas de mobilidade, focando-se nos ritmos que [elas] constituem por sua combinação (2004: 35)

seria a condição essencial para a aquisição de experiências, de competências, para a sensibilização ao outro e aos diferentes modos de se viver. Seja o turista, o migrante ou o refugiado, todos devem reorientar e repensar o espaço tanto em nível social quanto temporal, particular a uma região geográfica ou a um país. Os espaços foram assim ampliando-se, e o lugar, outrora considerado como único, deve dar espaço a novas noções, aos do espaço da vida, de ares de vida, bacias de vida plurais (GOHARD-RADENKOVIC & RACHÉDI, 2009).

Essas experiências no exterior, essas experiências do outro podem se concretizar pela via de casamentos mistos, de elementos estrangeiros nas famílias, da experiência de mobilidade familiar (migração, mobilidade profissional, expatriação ou interna – seja no interior de um mesmo país) ou simplesmente por uma abertura familiar em direção ao estrangeiro ou ainda na acolhida de estrangeiros em seu lar. O fato de habitar uma zona fronteiriça pode igualmente favorecer certa abertura familiar. Segundo E. Murphy-Lejeune (2003), esses lugares permeáveis, particularmente para as línguas, facilitam a mobilidade dos residentes em zonas fronteiriças, constituindo um terreno propício para o encontro com o outro.

### *Em termos de fronteiras*

Qualquer ideia de fronteira tem o poder de regular a passagem entre um dentro e um fora bem como o nível de abertura e de fechamento onde são definidas posturas defensivas ou ofensivas, maneiras de identificação ou de rechaço. Produz ainda modelos que determinam a relação para com os mesmos e para com o Outro/outro. A fronteira instaura trocas e interações que organizam espaços diferenciados: os “entre dois”.

A origem bélica e geopolítica do termo “fronteira” remete-nos ao mundo da guerra: “uma linha de frente, onde se situam os combates e cujos tratados de paz homologam diretamente o traçado sobre as cartas” (SPAËTH, 2005). Disso resulta que tais zonas fronteiriças não são mais simplesmente zonas da ordem do geográfico e do físico, mas aparecem como zonas suscetíveis de organizar tanto encontros quanto separações, tanto inclusões quanto exclusões. Pensamos aqui em um acontecimento que vai marcar, durante certo período, as relações entre o Brasil e a França, no que tange ao nosso interesse: o conflito franco-brasileiro<sup>9</sup>. É preciso

---

<sup>9</sup> Esse conflito é uma disputa entre os governos francês e brasileiro sobre a questão da delimitação da fronteira entre a Guiana Francesa e o Brasil, através do Amapá. Todo um vasto território era reivindicado pelos dois países. Sem fornecer detalhes desse conflito, a história remonta ao fim do século XVII. Em 1688, Pierre de Férolles, cumprindo ordens do rei Luis XIV, parte em viagem de reconhecimento ao rio

operar sob duas perspectivas: a das fronteiras nacionais e coletivas e a das relações intersubjetivas, marcadas por representações mútuas, em que agem as variáveis identitárias e culturais que dão sentido ao estudo das relações transfronteiriças a exemplo da nossa.

Se os acontecimentos que marcaram as relações entre a França e o Brasil, aí compreendido o conflito entre esses dois países, não são recentes, as relações que mantêm os brasileiros (mais precisamente os amapaenses) e o guianeses resultam de um período mais recente. Podemos citar dois fatores que contribuem para isso: primeiro, os diversos acordos de cooperação assinados entre essas duas comunidades em várias áreas de atuação como a infraestrutura, a educação, a cultura..., mas as relações intensificam-se também por causa do forte fluxo migratório de brasileiros para a Guiana, o que acaba por aproximar de certa forma essas duas comunidades. J. Urry (2005), sociólogo britânico, ilustra esse movimento entre as fronteiras por metáforas do «fluido», como no caso do sangue e de seus diversos movimentos circulatórios no organismo, não respeitando nenhuma estrutura definida e podendo circular por todo o corpo. Em um espaço às vezes rígido e fluido como o das fronteiras não é possível distinguir as identidades de uma maneira precisa, pois estão sujeitas a misturas, a transformações e até mesmo a mobilidades.

Para fazer frente a certa instabilidade, essas identidades em movimento devem se calcar sob hábitos partilhados, sobre usos comuns, capazes de produzir elos sociais. O patrimônio (tradições populares, monumentos históricos, paisagens emblemáticas, a língua, a História...), criador de identidade, concebido nesse sentido, torna-se marcador de identidade criando um sentimento de pertencimento que acaba por atribuir um novo traço das relações com o território. Aliás, não há como ter sentimento de pertencimento com uma comunidade sem vontade de a ela pertencer: “Não é suficiente ser x para pertencer a x; não há comunidade se as pessoas não tiverem a crença em sua existência e o sentimento íntimo de lhe pertencer” (WEBER, 1995, p. 130). Cabe ressaltar a importância de se debruçar sobre a maneira pela qual os atores agem e ressentem as coisas, sobre suas motivações subjetivas, isto é, sobre o sentido atribuído a seus atos, “pois anda por si só o fato de que a subjetividade significa sentimento, emoção, tudo o que pertence à vida do homem tal como ele a construiu” (VARRO, 2003, p. 7).

---

Araguary, no extremo norte do Brasil. Em 1697, ampara-se do forte de Macapá, fazendo destruir os fortes costeiros portugueses (LONCAN, 1990). A França entende, portanto, claramente a busca por reconhecer seus direitos sobre as “terras do Cap Norte”, as que formarão a zona de conflito franco-brasileira.

Nessa reconfiguração identitária, encontram-se, portanto, zonas indeterminadas, fluidas, limites internos, funcionando como marcadores sociais que fixam o grau de pertencimento ultrapassando as fronteiras ou, ao contrário, congelando-as.

### *Algumas considerações sobre a pesquisa*

Optamos por empregar os relatos de vida em nosso estudo, a fim de compreender melhor as estratégias de adaptação utilizadas por nossas residentes brasileiras, pois permitem entender por quais mecanismos e processos vieram a encontrar-se em uma situação dada e como tais relatos geram essa situação em um novo meio. O relato de vida apresenta igualmente a vantagem de ser mais pessoal, mais próximo do acontecimento biográfico.

Situaremos nosso método de pesquisa sob uma perspectiva étnico-sociológica que consiste em buscar fragmentos de realidade sócio histórica sobre a qual não se conhece muito *a priori* (BERTAUX, 2006). O termo “étnico” reenvia aqui à coexistência, no seio de uma mesma sociedade, de *mundos sociais* que desenvolvem cada um sua própria subcultura (LAPLANTINE, 1996). O objetivo de uma pesquisa étnico-sociológica é elaborar ao longo do processo um corpo de hipóteses fundado em descrições de modelos sociais, que tomam em consideração as configurações internas dessas relações.

A. Blanchet e A. Gotman (1992, p. 17) lembram que para a Escola de Chicago, “os relatos de vida caracterizam-se por buscar entender o indivíduo em seu espaço temporal, em sua história e em sua trajetória para atingir através dele a dinâmica da mudança social”. A prática autobiográfica conta então com uma prática social. É essa dinâmica da mudança social identitária que caracteriza a abordagem do relato de vida sob uma perspectiva étnico-sociológica. Essa é a abordagem que desejamos apreender através de discursos biográficos baseados nos percursos de sujeitos, tendo vivido situações de imigração e inserção.

Mas o relato de vida é igualmente caracterizado por sua estrutura narrativa. D. Bertaux (2006, p. 32) propõe as seguintes definições: “... há relato de vida a partir do momento em que o sujeito conta para outra pessoa, pesquisador ou não, um episódio qualquer de sua experiência vivida”, o que o distingue da autobiografia. O autor apresenta uma concepção acerca do relato de vida na qual se inscrevem outras formas de discurso (descrições, argumentações, explicações...): “o verbo ‘contar’ (fazer o relato de) é aqui essencial: significa que a produção discursiva do sujeito tomou a forma narrativa”. Há, portanto, relato de vida desde que haja

descrição sob forma narrativa de um fragmento da experiência vivida (BERTAUX, 2006: 9).

O relato de vida é estruturado em torno de uma sucessão temporal de acontecimentos e de situações que produzem a estrutura e o fio condutor que D. Bertaux intitula a coluna vertebral, verdadeira linha de vida dos relatos. Essa ossatura é contínua, mas é também “rompida” (BERTAUX, 2006, p. 32), feita de rupturas, de acontecimentos que modificam o curso da existência. Torna-se o objeto de um desejo de reconstrução liso e coerente por parte do indivíduo. D. Bertaux (2006, p. 32) qualifica esse fenômeno de “ideologia biográfica” e P. Bourdieu (1986) de “ilusão biográfica”. D. Bertaux afirma que os sociólogos que trabalham a partir dos relatos de vida tem plena consciência desse fenômeno de reconstrução *a posteriori*. Os efeitos de mediação bem conhecidos em todas as situações de entrevista, ensaiando a reconstrução de relatos (percepção, memória, atitude reflexiva do sujeito, capacidades narrativas, parâmetros da situação de entrevista, etc.) não tem na realidade repercussões sobre a estrutura diacrônica das situações e dos acontecimentos do relato (BERTAUX, Op.Cit.).

Na perspectiva étno-sociológica, o relato de vida é revestido de uma forma oral, portanto, mais espontânea. Torna-se o objeto de um “pacto negociado” (BERTAUX, 2006) entre o pesquisador, que propõe suas orientações de pesquisa, e o narrador. Esse pacto serve de filtro que permite ao sujeito selecionar os diferentes elementos de sua experiência de forma a responder às expectativas do pesquisador.

### *Notas sobre o público investigado*

Optamos por conduzir nosso estudo junto a residentes brasileiras oriundas da imigração, inscritas na Universidade de Caiena ou em formação contínua. É necessário precisar que a maior parte dentre elas reside na Guiana Francesa há aproximadamente 10 anos, além de se encontrarem em situação de “mixidade” conjugal. Ressaltamos igualmente que a maioria é originária da região norte do Brasil, mais precisamente dos estados do Pará e Amapá, regiões mais próximas da fronteira.

Reunimos e sintetizamos as informações biográficas mais marcantes sobre o público em tela sob a forma de um *quadro biográfico* apresentado a seguir, para uma melhor percepção das particularidades que caracterizam nossas informantes.

	Doriana <sup>10</sup>	Vivian	Jacirema	Adila	Mikaela	Susi	Roberta	Erika
<b>Sexo</b>	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
<b>Idade</b>	33 anos	32 anos	32 anos	42 anos	29 anos	43 anos	46 anos	42 anos
<b>Lugar coleta</b>	CADEG*	CADEG	CADEG	CADEG	Minha casa	CADEG	CADEG	CADEG
<b>Data da coleta</b>	13/06/12	14/06/12	14/06/13	19/06/12	19/06/12	20/06/12	20/06/12	21/06/12
<b>Duração</b>	42mn	1h18mn	2h11mn	1h16mn	1h20mn	41mn	52mn	1h08mn
<b>Região de origem</b>	Sudeste <i>Rio de Janeiro</i>	Norte <i>Belém</i>	Norte <i>Macapá</i>	Norte <i>Belém</i>	Norte <i>Macapá</i>	Norte <i>Belém</i>	Nordeste <i>Salvador</i>	Norte <i>Belém</i>
<b>Situação familiar</b>	Casada com um francês	Casada com um francês	Companheiro brasileiro	Companheiro francês	Companheiro martiniquês	Casada com um francês	Casada com um francês	Companheiro francês
<b>Número de filhos</b>	Grávida de seu primeiro filho	1 filho	2 filhos	3 filhos	3 filhos	1 filho	3 filhos	Sem filhos
<b>Nível de estudos</b>	BAC+5	BAC+5	BAC+5	BAC+5	BAC+2	BAC+2	BAC+3	Formação auxílio médico-psicológico
<b>Número de anos na Guiana</b>	4 anos	12 anos	24 anos	7 anos	20 anos	12 anos	13 anos	13 anos
<b>Residência em outro país</b>	1 ano na Irlanda	Não	Não	Não	Não	Não	6 anos na França	Não

\*Centro de arquivamento documental e etnográfico da Guiana / Campus Saint-Denis<sup>10</sup>

### *Tipologia dos percursos e perfis de migração*

Percebemos que pessoas em situação de imigração tardia, isto é, que passam por esta experiência na idade adulta, são muito mais predominantes (6 sobre 8). Dentre essas seis imigrantes, quatro tiveram de deixar seu país de origem a fim de acompanhar o cônjuge francês em mobilidade profissional (deslocamento ou contrato de expatriação). No caso de Roberta, ela possuía um capital de mobilidade anterior, pois havia residido seis anos em Lille, onde ela e seu marido sofreram muito com o rigor do inverno, razão responsável pela sua partida. Doriana, por

<sup>10</sup> Nomes fictícios.

sua vez, já havia vivenciado uma longa jornada no exterior (um ano na Irlanda) antes de encontrar seu marido francês e instalar-se na Guiana. Para os dois outros casos (2 sobre 6), as motivações pelas quais foram morar na Guiana são atribuídas principalmente às perspectivas profissionais, em busca de melhores condições de vida. É preciso registrar que em ambos os casos, a imigração (inicialmente temporária) acontecia pelo intermédio de alguém próximo ou de um amigo que morasse no lugar. As imigrações precoces, isto é, que ocorrem na primeira infância, atingem somente duas pessoas (2 sobre 8). O primeiro caso, o de Mikaela aponta mais para um percurso migratório “forçado” (a ser abordado posteriormente na parte 4). Nascida em Macapá, filha de mãe solteira e de um pai casado (ambos brasileiros), os quais habitavam na época com sua família em Macapá; seu pai mudou-se para Guiana e não foi senão para encontrá-lo que Mikaela o conheceu; ela passou os sete primeiros anos de sua vida no Brasil, cuidando dos seus irmãos e irmãs menores, todos nascidos de pais diferentes (cinco ao total), já que sua mãe era garçonne e não possuía meios suficientes para contratar uma babá. Traumatizada por tudo que sofreu em Macapá, Mikaela rompeu toda ligação que tinha com seu país e família de origem. Exemplo deste impacto, deve-se ao fato dela ser a única a não querer contar sua trajetória de vida em português.

O segundo caso, o de Jacirema, indica uma imigração familiar « menos » complexa. Ela deixa Macapá com a idade de oito anos para morar na Guiana com sua mãe brasileira, seu padrasto guianês e seus filhos nascidos de um casamento anterior com uma guianesa. É por volta desta época que aprende a falar o crioulo guianês<sup>11</sup> pelo intermédio de seu padrasto e mais tarde aprende o crioulo haitiano na escola, devido ao contato com uma amiga de origem haitiana que não falava muito bem francês. Jacirema não o falava igualmente muito bem (mas o compreendia), pois no seio de sua família não se falava senão o crioulo guianês. Será somente no momento em que encontrou crianças brasileiras de sua idade no nível CE2 (o Ciclo Elementar 2 do sistema educativo francês corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental no Brasil), na escola primária que voltará a falar português, sua língua primeira.

---

<sup>11</sup> O crioulo guianês é o resultado da escravidão e da colonização francesa na Guiana. É a primeira língua de aproximadamente um terço da população, sendo veicular em algumas regiões, particularmente no litoral.

### *As motivações que levam a morar na Guiana Francesa*

Para a maioria de nossas interlocutoras, a residência atual na Guiana é resultado de uma mobilidade voluntária. No entanto, algumas motivações iniciais destacam-se, como por exemplo, motivo sentimental, o encontro de um parceiro francês no país de origem do imigrante ou no país de residência é uma das razões que levam a mudar-se para a Guiana; a fuga das condições de vida do país de origem; uma oportunidade de emprego seguido de uma estada turística; uma estada precoce na Guiana no contexto de uma imigração familiar.

Os motivos da imigração estão frequentemente relacionados e imbricados; situam o migrante em uma temporalidade mais longa do que a prevista na partida: empregos inicialmente temporários seguidos de um encontro sentimental por exemplo.

<b>Residentes</b>	<b>Motivações iniciais para mudar-se para Guiana</b>	<b>Perfil migratório</b>
Doriana, 33 anos	Matrimônio com um francês conhecido no Brasil + seguido pela realização de estudos (mestrado em estudos lusófonos)	MNT
Vivian, 32 anos	Matrimônio com um francês conhecido no Brasil + seguido pela realização de estudos (mestrado em estudos lusófonos)	MNT
Jacirema, 32 anos	Seguido de uma imigração familiar precoce + encontro com um companheiro brasileiro (mestrado em estudos lusófonos)	MNT
Adila, 42 anos	Matrimônio com um francês conhecido no Brasil + seguido pela realização de estudos (mestrado em estudos lusófonos)	MNT
Mikaela, 29 anos	Imigração familiar precoce seguido por problemas pessoais + encontro com seu companheiro da Martinica, além de um DEUG de português	MNT
Susi, 43 anos	Oportunidade de emprego + casamento com um francês seguido de estudos (graduação incompleta em português)	MNT
Roberta, 46 anos	Fugir do inverno na França + oportunidade profissional de seu marido, além da continuidade de estudos (graduação em português)	MNT
Erika, 42 anos	Oportunidade de emprego + contrato com um francês (Pac) + seguido pela realização de estudos (formação em auxílio-médico-psicológico)	MNT

**MNT:** Migrante não temporário

As motivações postas em evidência mascaram às vezes outras razões originais, relacionadas a um capital de mobilidade que precede a chegada à Guiana em um contexto de estada linguístico ou profissional. É o caso de Doriana que morou durante um ano em Dublin, na Irlanda, para aprimorar seu inglês, seguido de dois meses na Bolívia, a fim de conhecer melhor a companhia aérea boliviana em que trabalhava no Rio de Janeiro, para aperfeiçoar da mesma forma seu espanhol. Para Roberta, tais razões foram igualmente consequência do desejo de morar na

Guiana, região francesa até então desconhecida por causa das condições climáticas detestáveis. A presença de um conhecido ou de um amigo pode então facilitar a acolhida no lugar, como foi o caso de Susi que fez uma primeira viagem para a Guiana com vistas a trabalhar na sociedade de seu cunhado francês. Erika deixou seu país de origem frente ao convite de uma amiga que já morava na Guiana e que lhe propôs trabalho.

No caso de Mikaela, foi aos sete anos que ela por lá chegou. Teve de deixar sua mãe e seus irmãos e irmãs, no Brasil, em face de uma série de problemas de ordem familiar para juntar-se ao pai que morava na Guiana. O início de sua adaptação não foi fácil, pois ela chegara em um contexto familiar recomposto, no qual sua presença trazia problemas, visto que ela era o fruto de uma relação extraconjugal de seu pai; sua saída precoce do Brasil foi desencadeada por razões de força maior, as quais não será evocadas aqui a fim de preservar sua vida privada.

A exposição de diferentes razões propulsoras da imigração leva a expressar o status profissional atual dos imigrantes reencontrados para estabelecer a ponte entre o início de seu percurso e sua situação atual, bem como as estratégias de adaptação empregadas.

### *Situação profissional dos migrantes não temporários*

A trajetória da maioria de nossas entrevistadas apresenta pontos similares no que tange ao período que antecede suas mudanças para a Guiana (estudos superiores, situação profissional...) e a razão mais atual no momento de nosso encontro.

Entrevistadas	Perfil migratório	Situação profissional no momento das entrevistas biográficas
Doriana	MNT	Professora de português, intérprete particular e estudante de mestrado
Vivian	MNT	Professora de português, intérprete no GRETA* e estudante de mestrado
Jacirema	MNT	Professora de português e estudante de mestrado
Adila	MNT	Professora de português, empregada no GRETA e estudante de mestrado
Mikaela	MNT	Empregada em uma papelaria
Susi	MNT	Empregada no « Serviço de Segurança de Incêndio»
Roberta	MNT	Professora de português
Erika	MNT	Empregada no SAMU* e em formação de auxílio-médico-psicológico

\*GRETA : Grupo de Estabelecimentos para a formação contínua \* SAMU : Serviço de Auxílio Médico de Urgência

Dois contextos de chegada à Guiana determinam o percurso profissional das pessoas que fazem parte de nosso estudo: uma dentre elas chega à Guiana após ter realizado estudos superiores, devendo reorientar as competências adquiridas e, outra, sem a qualificação profissional, buscando uma melhora na sua formação.

### *Chegada à Guiana posteriormente aos estudos superiores e inserção no mundo do trabalho*

No caso de migração tardia que diz respeito à maioria de nosso público (6 sobre 8), o migrante perde seu estatuto socioprofissional inicial quando de sua chegada à Guiana, sofrendo por vezes até um rebaixamento social, e tenta reconquistar um outro estatuto às custas de um investimento pessoal importante (3 sobre 6). É o caso de Doriana que, detentora de um diploma em comunicação, e tendo exercido o trabalho de jornalista no Rio de Janeiro, foi obrigada a abandonar sua área de atuação para reorientar-se no ensino de português e o trabalho de intérprete. Essa mudança brusca, devida a oportunidades a serem entrelaçadas e a um concurso de circunstâncias, simboliza uma estratégia de inserção socioprofissional para escapar do desemprego:

Bom, já faz quatro anos que moro na Guiana. Cheguei em 2008 para acompanhar meu marido. Sou do Rio de Janeiro. Em relação ao meu percurso... possuo uma graduação em comunicação, sou jornalista, mas aqui em Caiena não pude trabalhar nesse área, então decidi fazer o que a maioria dos brasileiros fazem quando chegam aqui: ensinar português. Por isso, tive de pedir equivalência na universidade, sendo aceita no terceiro ano da licenciatura de português. Logo a seguir, fiz minha inscrição no Mestrado, mas, como eu já dava cursos de português muito antes nos centros de formação, nas empresas [...], pra dizer a verdade, comecei ensinando nos colégios e liceus (Doriana – 1).

Ela identificou-se de tal forma com esta área (já que não teve escolha) que perspectiva seguir no Mestrado II, prosseguindo com um doutoramento em TICE. No momento da entrevista, ela ensinava português no Escritório de Imigração e redigia sua dissertação de Mestrado II:

[...] farei um doutorado em TICE... e aqui farei um outro Mestrado II na área das novas tecnologias e da didática de línguas, em parceria com a Universidade de Grenoble (Doriana – 32).

Com efeito, qualquer que seja a qualificação inicial dos migrantes - sobretudo para os de origem não europeia – o procedimento de validação de seus diplomas, de seus níveis de qualificação e de suas experiências profissionais anteriores revela-se difícil, pode-se dizer até mesmo que se assemelha a um “percurso de guerreiro”.

Susi, originária de Belém, na região norte do Brasil, no mesmo caso de Juliana – tendo trabalhado, quando de sua chegada à Guiana na sociedade de seu cunhado, após em uma agência de publicidade e não podendo exercer seu primeiro trabalho, teve de se lançar também no ensino de português. Atualmente trabalha na empresa de seu marido e não ensina mais português por falta de tempo:

[...] Meu cunhado francês que morava na Guiana me convidou para trabalhar com ele, porque ele abria uma empresa e teria trabalho para mim. Aceitei sua proposta e acabei por vir encontrar minha irmã na Guiana. No entanto, seu empreendimento de importação de produtos brasileiros não vingou, obrigando-me a procurar outro trabalho em uma empresa de publicidade que pertencia a um indivíduo oriundo do Martinica que falava português. Por essa mesma época, tive a oportunidade ingressar na universidade aqui em Caiena. Portadora de uma graduação em administração no Brasil, solicitei a equivalência, sendo aceita na universidade daqui para Licenciatura em Português, mas tinha muitas dificuldades em francês, porque não o praticava antes [...] não havia estudado senão três meses no Brasil (Susi – 1).

Contrariamente à Juliana e à Susi, Adila – oriunda do Piauí, mas residente de Belém – tendo realizado uma Licenciatura em Letras (especialização em FLE – Francês Língua Estrangeira) pode retomar seus estudos universitários na mesma área de habilitação: o do ensino, mas desta vez voltado para o ensino de sua primeira língua, o português. Ela trabalha no GRETA<sup>12</sup>, ensina português na universidade como substituta e na época (junho de 2012) estava no período de redação de sua dissertação do Mestrado II:

[...] Quando cheguei à Guiana, comecei logo em seguida a ensinar português para os estrangeiros... já o fazia em Belém para executivos franceses por meio da Aliança Francesa, portanto, acompanhava tais executivos na fase de criação de suas empresas e aqui ensinei no centro de línguas, o que me permitiu ter acesso não somente com os franceses da capital mas igualmente com os daqui (Adila – 1).

Eu tinha uma licenciatura em Letras Modernas - FLE, tinha um bom trabalho, era gerente de exportação em uma empresa... portanto, quando cheguei à Guiana, fiz um pedido de equivalência na universidade, ingressando posteriormente no DEUG - Diploma de Estudos Universitários Gerais (Adila – 2).

### *Chegada à Guiana sem qualificação profissional*

Como nos três casos anteriores, Vivian, Roberta e Erika encontram-se em situação *mixidade conjugal*. Entretanto, sem ter realizado estudos universitários em

---

12 Um Greta é um grupo de estabelecimentos públicos de ensino que mutualizam suas competências e seus meios para propor formações contínuas aos adultos. Apoiar-se nos recursos em equipamento e pessoal desses lugares para proporcionar uma oferta de formação adaptada à economia local.

seu país de origem, decidiram fazê-lo na Guiana investindo na Licenciatura de Português na Universidade (Silvia e Rita) ou realizando uma formação contínua profissionalizante (Erika).

Uma análise mais atenta sobre a trajetória socioprofissional de Erika, antes e após sua partida de Belém, demonstra uma evolução tanto em nível de suas competências profissionais iniciais quanto em nível linguístico. Um percurso que merece ser melhor desenvolvido em nosso trabalho.

Em 1999, Erika viajou de férias pela primeira vez para a Guiana durante o período de um mês, respondendo ao convite de uma amiga brasileira residente deste país. Foi por essa época que ela conheceu seu futuro companheiro francês, com o qual vive até o presente. Quando estava voltando para Belém sua amiga lhe propôs o trabalho na Guiana como cuidadora de um casal de idosos, pois era conhecedora de seu estado de desempregada:

Eu tinha uma amiga brasileira que morava na Guiana e sempre que ia para Belém ficava na minha casa [...] por essa época perdi meu trabalho como telefonista em uma empresa de táxis, a seguir trabalhei em uma padaria... e um belo dia, minha amiga me convidou para passar minhas férias na Guiana [...] fiquei por um mês antes de voltar para Belém. Durante este período ela preparou um jantar na casa de um amigo francês e foi nesta comemoração que encontrei meu companheiro com o qual convivo até hoje [...] quando de retorno à Belém, minha amiga me perguntou se eu gostaria de trabalhar na Guiana, mas tive um pouco de medo pois havia ouvido falar das brasileiras que lá se prostituíam [...] ela me explicou então que se tratava de um trabalho para cuidar de pessoas de idade [...] foi então que aceitei e durante cinco anos e oito meses trabalhei, cuidando desse casal de senhores (Erika – 1).

Erika tomará conta deste casal guianês de 1999 a 2006. Seu patrão tendo falecido em 2004 e sua mulher em 2006, o que a obrigará a procurar outro trabalho. Ela se inscreve então no SINE<sup>13</sup> e, procurando na internet, encontra uma oferta de emprego no SAMU<sup>14</sup> (Auxiliar de socorrista). Apresenta-se e passa pela entrevista, é admitida e começa a trabalhar desde 2007, assinando sua CDI<sup>15</sup> um pouco mais tarde. Graças

---

13 Polo emprego (Pôle emploi) é um estabelecimento público de cunho administrativo (EPA), encarregado de empregos na França. Criado em 19 de dezembro de 2008, surgiu da fusão entre o ANPE e os Assedic. Optamos por referirmo-nos à sigla correspondente no Brasil, para a presente tradução.

14 O serviço de auxílio médico urgente, ou SAMU, configura-se como o centro de regulação médica das urgências de uma região responde à demanda de auxílio médico urgente (AMU), isso significa que o serviço presta assistência pré-hospitalar (na rua, à domicílio, no local do trabalho, ...) às vítimas de acidentes ou de afetações repentinas em estado crítico (mal estar, doença ou mulheres grávidas).

15 Na França, em direito do trabalho, um contrato com duração indeterminada (ou CDI) é a forma corriqueira contratual pelo qual passam duas pessoas: o empregador (uma pessoa moral ou um comerciante exercendo em nome próprio ou um artesão ou um « empregado-particular ») e o assalariado, sem limitação de tempo.

a este trabalho, Erika pode aprender a se comunicar (com frases simples) em outras línguas como o inglês, o espanhol, o crioulo guianês e o sranan tongo<sup>16</sup> :

[...] Tive de procurar outro trabalho porque essas duas pessoas com as quais eu trabalhava faleceram [...] entretanto, no início eu não sabia dizer nada em francês, mas o casal me explicava tudo [...] perceberam que eu era séria e por isso tentaram regularizar minha situação, em 2004, junto à prefeitura mas, infelizmente, não conseguiram. Considerando minha situação, decidi escrever uma carta ao ministro, desta vez tive uma resposta favorável e desta maneira pude regularizar minha situação na Guiana... algum tempo depois meu patrão morreu e sua esposa teve um AVC, sendo colocada sob a tutela da ATG - Associação da Tutela na Guiana, por sua família. Ocupei-me, portanto, dela e de sua casa. No final de 2006 ela também faleceu, como eu não tinha mais trabalho, fiz inscrição no SINE e, buscando trabalho na internet, vi que a SAMU tinha necessidade de alguém para realizar o trabalho de auxiliar de socorrista, passei por uma entrevista, mas não sabia exatamente sobre o que se tratava...de qualquer forma fui selecionada começando a trabalhar em 2007 e em 2009, assinei minha carteira – CDI. Recebo em meu trabalho pessoas de todas as origens: há os que falam inglês, crioulo, espanhol, português...portanto, é preciso que se saiba falar um pouco de cada língua para fazer perguntas tais que a idade, a origem, se tem fome, se sente dor...estou aprendendo atualmente o sranan tongo, hoje me apresentei nesta língua e obtive 17/20... isso é muito bom! (Erika – 1).

Respondendo a uma proposição de seu empregador, Erika começou a fazer uma formação ao longo de três anos financiada pela SAMU. Uma vez terminada tal formação (2013), atingiria um cargo mais elevado, um melhor salário e uma qualificação profissional que lhe permitiriam uma ascensão social, diferentemente de sua situação inicial no Brasil, onde ela não detinha nenhuma formação e um status social pouco valorizado:

gora estou no segundo ano de minha formação, paga pela SAMU, no ‘auxílio-médico-psicológico’... trata-se de uma formação que custa trinta e cinco mil euros, portanto, dedico-me 100% e meus colegas de trabalho me cobrem e me motivam muito, cumprimentando-me a cada conquista, a cada exame bem sucedido...tive uma vida muito dura no Brasil, perdi minha mãe quando eu era jovem tive, assim, de aprender a me virar, nunca baixei a guarda, estou sempre contente, apesar das dificuldades que tive! (Erika – 1).

A trajetória socioprofissional de Erika comprova um investimento pessoal importante, mas igualmente arriscado, considerando que não possuía visto para sua estada no momento em que chegou à Guiana. Não foi senão em 2004, quatro anos após sua chegada, que ela obterá finalmente a autorização para permanecer em solo guianês. No entanto, outra dificuldade surgiu quando de sua instalação, desta vez de ordem linguística: nunca havia estudado a língua francesa o que lhe trazia

---

16 A língua veicular do Suriname, país vizinho, é a língua primeira de uma parte extremamente frágil da população guianesa, principalmente no Oeste, onde desempenha, no entanto, um papel veicular.

alguns problemas de comunicação. Mas o fato de ter um companheiro francês e padrões guianeses colaborou para seu aperfeiçoamento e, uma vez mais, ela soube ultrapassar esta « barreira » linguística motivada por sua vontade de adaptação no país de acolhida.

De maneira ampla, colocamos em evidência a ligação entre o motivo da migração e a inserção profissional, mas também as dificuldades encontradas e as diferentes estratégias elaboradas por nossas interlocutoras, cujo desenvolvimento de competências tanto linguísticas quanto profissionais faz parte.

Semelhante ao caso de Erika, temos Vivian que não possuía nenhuma formação profissional, além de não falar francês quando de sua chegada à Guiana. Com somente 19 anos quando encontrou seu marido de origem francesa em Belém, no ano de 2000. Alguns meses depois, casaram-se e ela foi morar na Guiana. Sem ter terminado seus estudos secundários, procedeu à realização de um CAP Primeira Infância<sup>17</sup>, para trabalhar na área e dar à luz a seu primeiro filho em 2006:

Então [...] cheguei à Guiana em 2000...encontrei meu marido em *Algodoal*, uma praia não muito distante de Belém. Ele me convidou a conhecer a Guiana e ver se gostaria de morar lá. Então, vim para cá e fiquei três meses. Voltei para Belém e nos casamos, voltamos a seguir para Guiana, onde eu não falava uma única palavra em francês (risos). Por exemplo, sempre quis aprender inglês, mas como não se tem obrigatoriamente necessidade, se as coisas forem vistas dessa forma...não se faz esforços. Assim, quando de minha chegada meu marido me ajudou muito, porque ele falava em português, bem como meus sogros, os quais muito me ensinaram igualmente. Fiz cursos de francês no ‘Socorro Católico’, da fato estudava um pouco sempre que possível [...] já faz doze anos [...] meu primeiro diploma na Guiana foi um CAP Primeira Infância. A seguir, trabalhei um pouco na área e mais tarde tive meu filho que tem hoje seis anos (Vivian – 1).

Ela seguiu uma formação e obteve o *Diploma de Acesso a Estudos Universitários* (DAEU), seguido do *Diploma Universitário de Ciências da Educação e Formação* (DUSEF). Logo a seguir, inscreveu-se no Mestrado I (Estudos lusófonos) e, na época desta coleta (junho de 2012), ela estava escrevendo sua dissertação de Mestrado II. Atualmente ensina português em uma escola como contratada e segue formações junto ao GRETA sobre a “Vida na França” e sobre a “Formação cívica” dos estrangeiros solicitantes de um visto para estada:

[...] Então, comecei a gostar de estudar porque eu só tinha 19 anos e até então não tinha concluído a educação básica no Brasil. Estava no ensino médio, o que corresponderia na época ao segundo ano do segundo grau. Portanto, quando cheguei aqui já tinha ultrapas-

---

17 O certificado de aptidão profissional (CAP) é um diploma francês de estudos secundários e de ensino criado por uma lei de 1911. Valida uma qualificação profissional em nível médio, a exemplo da Escola Norma, formando normalistas no Brasil.

sado a idade para poder me inscrever na escola normal; meu marido sugeriu que eu fizesse uma formação continuada, como o CAP, gostei muito desta experiência, além disso, já falava bem francês, o que me e vou a decidir pela continuação dos estudos. Foi por volta desta época que tive meu DAEU (Diploma de Acesso aos Estudos Universitários), a seguir obtive outro diploma, o DUSEF (Diploma Universitário em Ciências da Educação e da Formação) quando então acabei minha licenciatura, me inscrevi no Master I de estudos lusófonos e atualmente estou finalizando o Mestrado II (Vivian – 1).

Roberta, diferentemente de Erika e Vivian, já falava francês: após seis anos vividos em Lille, no norte da França, onde morava com seu marido de origem francesa. Em 1999 decidiram morar na Guiana para fugir do rigoroso inverno francês. Na Bahia, sua terra natal, ela exercia o trabalho de instrutora, mas sem estar licenciada; em Lille, ela trabalhava como secretária no colégio onde seu marido ensinava:

Bom, cheguei na Guiana em dezembro de 1999, mas nós morávamos em Lille desde 1993 [...] meu marido é professor de matemática, lhe perguntei se era possível mudarmos para um lugar mais quente [...] eu não aprecio o frio e já fazia cinco anos que morávamos na França [...] logo a seguir meu marido solicitou sua transferência para a Martinica ou para Guadalupe... no entanto havia um cargo vago na Guiana...mas eu não conhecia a Guiana... você sabe que as pessoas do sul ou do nordeste do Brasil não ouvem muito falar sobre a Guiana...confesso que a primeira coisa que me atraiu na Guiana foi o colar...eu não aguentava mais o frio, logo aceitei morar aqui por causa do clima e desde 1999, vivemos na Guiana...em 2000 decidi trabalhar...trabalhava na França na secretária do colégio onde meu marido ensinava, de minha parte comecei dando aulas de português...nessa época meu filho tinha seis meses (Roberta - 1).

Desde sua chegada à Guiana, ela começou a ensinar português no Centro de línguas particular, em seguida obteve o DEUG e logo depois uma licenciatura em português. Em 2005, ela foi admitida como substitua na Secretaria de Educação de Caiena<sup>18</sup> para ensinar português e, em 2012, assinou sua carteira (CDI):

[...] Foi a partir do momento em que comecei a ensinar no Centro de línguas aqui em Caiena que as portas foram se abrindo para mim, pois o diretor do centre encorajou-me a inscrever-me na universidade e dessa maneira a fazer uma licenciatura. Fiz assim um pedido de equivalência e a seguir comecei o DEUG em língua portuguesa seguido da licenciatura... tive meu terceiro filho (risos). E em junho de 2005, submeti meu CV para a Secretaria de

---

18 O papel de uma secretária é o de organizar, sob a perspectiva de uma escala regional, a política definida pelo ministério da educação nacional. Colocada sob a autoridade de um reitor (isso em nada tem a ver com o conceito de reitor no Brasil, correspondendo sim à figura de um secretário de educação) esse cargo é nomeado por decreto pelo Presidente do Conselho dos ministros, agrupando o conjunto de estabelecimentos de uma região. O secretário é responsável pela prestação de serviço público em termos de educação na 'academia', considerando desde o maternal até a universidade. No contexto da política ministerial, trabalha em parceria com as coletividades locais e os atores socioeconômicos para valorizar as especificidades territoriais de sua academia.

Educação, tive sorte porque logo fui chamada, no mês de setembro [...] já faz sete anos que ensino português e esse ano assinei minha carteira (CDI), é um bela conquista, não? Ouvi falar que os que possuem CDI serão efetivados... vamos aguardar, não é? Eis, portanto, meu percurso [...] parece pouco, mas foi suficientemente longo para mim (Roberta - 1).

No caso da migração tardia, várias estratégias são postas em prática pelos migrantes na busca de estabilidade profissional e são adotadas em função do objetivo esperado: reorientação profissional, seguido de uma formação na área da habilitação diversa de sua área inicial; seguido de uma formação na mesma área da habilitação; aceitação de um emprego sem relação com a área de formação inicial; retomada dos estudos acadêmicos e nova orientação das competências do início da carreira.

No que tange às migrações precoces (Mikaela e Jacirema), chegadas na Guiana no início de sua escolarização (CE2 et CM1)<sup>19</sup>, ciclo elementar e ciclo médio respectivamente), os percursos apresentam o mesmo tipo de dificuldades: adaptação a um novo sistema escolar, a uma nova língua de escolarização, a uma nova cultura educacional. Atualmente, Jacirema, tendo acabado seu Mestrado I em estudos lusófonos, ensina português no liceu profissional e na universidade; Mikaela, por não ter acabado seus estudos universitários, trabalha em uma papelaria.

### *Sentimento de integração social: quais percepções?*

Duas tensas percepções distintas de integração social podem, no entanto, ser percebidas: de um lado, um sentimento dominante de integração social, favorecido por um perfil socioprofissional que valoriza e colabora para o desenvolvimento pessoal (5 sobre 8). De outro lado, um sentimento de não integração por conta de estereótipos negativos feitos sobre a comunidade brasileira, mas também devido ao fato destas residentes serem frequentemente percebidas como estrangeiras (3 sobre 8) pela sociedade que as recebeu.

### *Sentimento positivo de integração social*

No primeiro grupo, é preciso considerar que vivendo em um país estrangeiro é importante abrir-se para outras culturas, realizando um trabalho e mantendo uma vida social não unicamente voltada para seu grupo de origem. A integração social implica um investimento pessoal importante:

---

<sup>19</sup> Os primeiros anos de escola na França correspondem à escola primária. Compreendendo por vezes a escola maternal e a escola primária, dividida em três ciclos.

Penso que isso depende muito mais de si, aceitar que é neste lugar que se vive e tentar fazê-lo como se fosse nossa cidade natal: no meu caso, trabalho, estudo, tenho meu marido e uma vida social. Sinto-me COMPLETAMENTE integrada aqui na Guiana, COMPLETAMENTE. Mas, penso que sou do tipo de pessoas que se adapta facilmente, isso deve-se as minhas experiências no exterior: na Irlanda, na Bolívia, acredito que isso tenha ajudado muito. No mundo globalizado no qual se vive não podemos nos fechar; falando somente com brasileiros; além do que os brasileiros que vivem na Guiana são oriundos de diferentes regiões do Brasil, possuem outra cultura, tem outro estilo de vida [...] logo, é melhor misturar-se (Doriana – 8).

A integração social passa igualmente pela apropriação linguística, a obtenção de diplomas universitários e enfim um trabalho que valorize as habilidades dos migrantes:

O fato de trabalhar contribuiu para meu desenvolvimento, sinto-me mais valorizada, meu estatuto social mudou, tenho conhecidos franceses da capital que me encontraram assim que tinha chegado à Guiana e, no outro dia, nos cruzamos no mercado [...] queriam saber o que eu tinha me tornado [...] disse-lhes que estava fazendo Mestrado II na faculdade... fui cumprimentada por eles, pois lembraram que quando de minha chegada não falava nem mesmo a língua (Vivian – 13).

### *Sentimento de não integração social*

O segundo tipo de percepção, menos dominante (3 sobre 8), comprova tensões vividas entre alguns membros da sociedade de recepção e os migrantes brasileiros, vistos de uma maneira estereotipada e considerados como estrangeiros segundo as percepções dos estudantes. Vimos há pouco que a proximidade geográfica entre a Guiana e o Brasil é percebida como “uma faca de dois gumes” pela maioria de nossas interlocutoras, apresentando tanto pontos positivos quanto negativos. O forte fluxo de migrantes clandestinos não qualificados, em busca de melhores condições de vida, esta certamente na base das tensões e categorizações dirigidas a alguns brasileiros:

[...] é bem verdade que eu tinha uma visão muito ingênua da Guiana, porque nunca tinha morado lá, mas agora me dou conta de que a integração não existe aqui, há sim uma certa tolerância [...] sempre haverá estereótipos dirigidas aos brasileiros (Adila – 6).

Não, não, não! Tenho uma vida confortável aqui, mas ao ponto de sentir-me integrada... NUNCA (Roberta – 6).

Eles me veem sempre como uma estrangeira, ainda que seja casada com um francês (Susi – 8).

Para compreender essas tensões vividas por nossas narradoras, lembremos aqui que as sociedades crioulas foram construindo-se historicamente sob uma relação de subordinação aos países colonizadores que as viram nascer. Essa relação, constituída por conflitos e desacordos, permanece determinante para a formação das sociedades contemporâneas. Marcada por histórias frequentemente violentas, as sociedades crioulas tem dificuldade em se tornarem autônomas, seja no plano político e econômico, seja no âmbito cultural. Os guianeses não fogem a esta realidade, pois o sistema socioeconômico construído marcou profundamente as bases da organização social e o contexto no qual poderia desenvolver-se uma sociedade em harmonia com a evolução contemporânea em nível internacional. Assim, sustentadas sobre tais bases é que foram forjadas as relações intercomunitárias na Guiana, onde os sinais de uma continuidade histórica em termos de relações sociais, culturais e econômicas assimétricas estão nitidamente presentes, principalmente nas instituições e instâncias encarregadas da acolhida e da introdução dos migrantes.

Essas relações de força entre entidades e indivíduos são alimentadas por lógicas diferentes. Se por um lado os discursos oficiais preconizam a abertura ao outro, por outro, as instituições não consideram as experiências anteriores dos migrantes e não trabalham para sua legitimação (GOHARD-RADENKOVIC & MURPHY-LEJEUNE, 2008). As comunidades de recepção conferem aos migrantes um estatuto único como, por exemplo, o do estrangeiro. No presente caso, seja em um contexto pós-colonial, essas discriminações implícitas ou explícitas podem ser reforçadas pelo fato de que os migrantes de origem brasileira são mestiços (nossas informantes são todas oriundas do Norte do Brasil), seja fisicamente marcada pela cor da pele e/ou pelo fato de que parecem provir de um meio social inferior ou pior ainda carente, ambas estigmatizações podem ser ligadas. Temos, portanto, muito a fazer no que tange às categorizações étnico-nacionais.

#### *Sentimento de um estatuto de estrangeiro permanente*

Conforme já assinalamos anteriormente, a experiência de imigração não é “um longo rio tranquilo” e provoca a manifestação de tensões quando as narrativas abordam situações ou momentos difíceis da trajetória de vida. A figura do estrangeiro aparece de uma maneira mais explícita em certos discursos - como a análise seguinte comprovará -, ao passo que outras interlocutoras não necessariamente as verbalizam, o que não as impede de experimentar um sentido de estranhamento em direção à sociedade de recepção, por vezes até mesmo em relação ao seu país de origem, que

acabou por tornar-se igualmente estrangeiro face à uma realidade para com a qual elas não possuem mais identificação alguma.

Susi, que mora na Guiana há doze anos, expressa um certo ressentimento em relação ao seu país de residência – o que lhe dá a impressão de perder sua identidade brasileira e demonstrar sempre um estatuto de estrangeira. Esse sentimento é reforçado pela percepção que ela tem do olhar dos outros sobre ela, e isso, a despeito do fato de estar morando muitos anos na Guiana, ser casada com um francês e ter um trabalho e uma rede de amigos mais francófona:

Eles me veem sempre como uma estrangeira, ainda que seja casada com um francês [...] por exemplo, visto-me de maneira simples e meu marido usa sempre uma camisa com o logotipo da sociedade francesa para a qual trabalha [...] está sempre bem vestido [...] Na última sexta-feira fomos fazer compras no supermercado e meu marido tinha esquecido seu celular, além do que, tínhamos de buscar Thomas na escola, então me perguntou: ‘que horas são?’ Imediatamente tirei meu celular da bolsa e quando estava no caixa percebi que os vigias do supermercado me olhavam com insistência [...] Acho que pensaram que eu havia posto alguma coisa na minha sacola, no momento em que a abri para procurar meu celular, bem [...] é normal que vigiem as pessoas, já que estamos em um supermercado, mas, pensei que fosse por conta de minha nacionalidade e, além disso, eu não estava muito bem vestida. Meu marido não notou, mas, eu sim. Sentia olhares voltados para mim [...] À medida que me aproximava do caixa, os vigias aproximavam-se também, porque pensavam que o alarme tocaria quando de minha saída do supermercado (risos) (Susi– 8).

Roberta compara a figura do estrangeiro a de um “invasor” e relaciona a discriminação ressentida com o movimento de ir e vir que existe na Guiana, o qual percebe como “um lugar de passagem”. Reporta sentir-se isolada em seu país de residência por causa do difícil acesso e do distanciamento das grandes cidades brasileiras; isso somado à falta de desenvolvimento, a leva a desejar abandonar a Guiana. Mas ao mesmo tempo, ela se enxerga vivendo um “entre dois” identitário: cria novas raízes e não se vê mais vivendo no Brasil. A fim de se sentir segura em sua identidade, estreitou os laços de amizade com alguns brasileiros, os quais partilha uma convivência cultural, que ela jamais terá com os franco-guianeses:

Penso que como uma estrangeira [...] Na Guiana as pessoas me veem como uma estrangeira. Seremos sempre visto como estrangeiros na Guiana, é um mundo à parte; sempre seremos vistos como invasores [...] e então? Pior! Sou uma estrangeira! Sente-se o preconceito contra os estrangeiros no trabalho e um pouco em todos os lugares; não faz muito tempo tive um problema nesse sentido com a mãe de uma estudante, o supervisor do colégio teve de intervir [...] mas há sempre racismo em algum lugar porque a Guiana é um lugar de passagem [...] as pessoas não vão morar na Guiana. Ninguém se muda para lá (Roberta – 8).

## Conclusão

Vimos que, na maioria dos percursos de imigração estudados, o fato de poder apoiar-se em pessoas conhecidas ou instituições de revezamento (família já instalada na Guiana); amigo(a) casado(a) com um francês(francesa); ou um (a) parceiro(a) da Guiana; empregadores tendo necessidade de mão de obra ou locais para cadastro de emprego, tais fatos contribuíram amplamente para o sucesso da inserção socioprofissional de nossas narradoras. Uma das estratégias recorrentes é o recurso ao matrimônio: com efeito, casar-se permitiu à maioria dentre elas ficar no país e buscar mais calmamente um emprego ou vislumbrar outros caminhos para sua introdução profissional. Porém, no tocante à sua inserção no mercado de emprego guianês, nada é menos evidente.

Assim, três jovens mulheres altamente qualificadas ao partirem de seus países de origem tiveram que refazer seus estudos em outras áreas diferentes do de sua primeira especialização, pois seus diplomas não foram reconhecidos na Guiana. Tiveram de retornar e « escolheram » realizar estudos lusófonos a fim de tornarem-se professoras de português (mesmo quando já possuíam estudos em uma outra língua como o Francês Língua Estrangeira - FLE). Essa escolha, de fato ditada pelo contexto, releva o que P. Bourdieu nomeia “escolha da necessidade” (1979).

Aliás, o fato de não dispor de diplomas universitários, nem de qualificações elevadas no momento de suas saídas, permitiu a quatro de nossas interlocutoras lançarem mão de uma situação inesperada em um país estrangeiro, o de seguir pela realização de estudos com fins profissionais, os quais não puderam usufruir no Brasil. Em outros termos, elas partiram com menos bagagem que os três casos anteriores; frente a esta constatação, essas perderam menos que aquelas, as jovens mulheres altamente qualificadas, podendo progredir e qualificar-se socialmente no país de imigração.

Observa-se, no entanto, um ponto em comum dentre as três categorias identificadas, sejam estas mulheres em nada ou pouco qualificadas, altamente preparadas ou mesmo inseridas muito precocemente no sistema escolar: isso não muda em nada a percepção que se tem delas, tampouco modifica suas modalidades de inserção na sociedade guianesa. Os possíveis empregadores as convidam a fazer ou a refazer estudos na esfera lusófona para tornarem-se professoras de português ou tradutoras-intérpretes de francês-português, pelo simples fato de serem oriundas do Brasil, reproduzindo essas identidades que Gohard-Radenkovic qualificou como

“identidades alinhadas”<sup>20</sup>, que caracterizam os processos de integração do outro estrangeiro em todas as sociedades de imigração.

Para resumir essas dinâmicas, o espaço socioprofissional proposto a grande maioria de nossas informantes é o de professoras de português. Tais assinaturas, ligadas a um pertencimento único, (re) produzindo categorizações étnico-nacionais, reenviam ao estatuto de “entre dois”, não somente entre o Brasil e a Guiana, mas no seio mesmo da sociedade guianense: esses imigrados são com efeito paradoxalmente ao mesmo tempo “no” grupo mas não “do” grupo, como bem descreveu Simmel (citado em Paganini, 2001) ao analisar as relações entre estrangeiros e autóctones. Ao aceitar (intuitivamente) esses novos papéis sociais e profissionais, os residentes brasileiros esperam escapar às imagens negativas que circulam habitualmente sobre os migrantes brasileiros, pois “o fato de ter um outro tipo de perfil social na Guiana muda um pouco velhos clichês” (Adila). Ou então “se tu não trabalhas, tu és como os outros brasileiros e dependerá sempre do CAF<sup>21</sup>” (Jacirema).

Essas estratégias linguísticas, sociais, profissionais, matrimoniais, etc. nos espaços de integração organizados pela sociedade de recepção desempenham um papel maior nas modalidades de inserção nas redes locais, nas reorganizações identitárias do migrante e na reconquista de sua existência em relação aos seus grupos de pertencimento em ambos os lados da fronteira.

## Referências

Bertaux D., *L'enquête et ses méthodes, le récit de vie*. Paris: Armand Collin, 2005.

Blanchet A. & Gotman A. *L'enquete et ses méthodes: l'entretien*. Paris ? éd. Nathan, 2001.

Bourdieu P., *L'illusion biographique*, in *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 62/63, *L'illusion biographique*, 1986, (69-72), consulté en ligne : <http://www.homme-moderne.org/societe/socio/bourdieu/raisons/illusion.html>

Chérubini B., *Interculturalité et créolisation en Guyane française*. Paris: Université de la Réunion, L'Harmattan, 2002.

Ferreira da Silva B.T. *Le proche lointain ou le lointain proche. Représentations des enseignants brésiliens de FLE sur la Guyane voisine*. Peter Lang: Berne, 2012.

Géraud M-O. *Destination Amazonie : Le modèle brésilien dans la société guyanaise*. Ethnologie comparée, n°02: Miroirs Identitaires, revue du CERCE Centre d'Etude et de Recherche Comparative en Ethnologie, 2001. Revue en ligne: [www.alor.univ-montp3.fr/cerce/revue.htm](http://www.alor.univ-montp3.fr/cerce/revue.htm), consulté le 23. 05.2013.

---

20 uma nação = um povo = um território = uma língua aplicados, todos os indivíduos pertencendo a esta nação.

21 Do francês “Caisse d'allocation familiale”, trata-se de um organismo público encarregado da distribuição de ajudas sociais do governo, tais como bolsa família e outros.

- Gohard-Radenkovic A. & Rachédi L. (dir.). *Récits de vie, récits de langues et mobilités. Nouveaux territoires intimes, nouveaux passages vers l'altérité*. Paris: L'Harmattan, Espaces Interculturels, 2009.
- Gohard-Radenkovic A., *La relation à l'altérité en situation de mobilité dans une perspective anthropologique de la communication*. Sous la direction de Yves Winkin, Université de Lumière – Lyon II: Habilitation à diriger des recherches en Sciences de la communication, 2006.
- Kauffman J-C., *L'invention de soi. Une théorie de l'identité*. Paris: Armand Colin, 2004.
- Laplantine F. *La description ethnographique*. Paris: Nathan, 1996.
- Murphy-Lejeune E. *L'étudiant européen voyageur, un nouvel étranger*. Paris, Didier, 2003.
- Million-Lajoinie M-M. *Reconstruire son identité par le récit de vie*. Paris: L'Harmattan, 1999.
- Paganini. *Différences et proximités culturelles*. Paris: Harmattan, 2001.
- Ricoeur, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.
- Schütz A. *L'étranger. Un essai de psychologie sociale*, Paris: Editions Allia, 2010.
- Spaëth V. *Frontières. Langues, discours et histoire*. Synergie n° 04, France, 2005 (p. 16-30).
- Urry J. *Sociologie des mobilités. Une nouvelle frontière pour la sociologie?* Paris: Armand Colin, 2005.
- Varro G. *Sociologie de la mixité. De la mixité amoureuse aux mixités sociales et culturelles*. Perspectives Sociologiques, Paris: Belin, 2003.
- Weber M. *L'organisation et les puissances de la société dans leur rapport avec l'économie*. Paris: Plon, 1995.